



O REI DA VELA: LUZ ANTROPOFÁGICA CONTEMPORÂNEA UMA CENA DECOLONIAL DA PEÇA DE OSWALD DE ANDRADE

Jacqueline Gama de Jesus
(UFBA - Graduanda)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Jacqueline Gama de Jesus é Graduanda em Letras Vernáculas pela UFBA. Pesquisou em 2018/2019; O Som ao Redor de Aquarius: reflexões anticoloniais de um Brasil contemporâneo, fomentada pela CNQP. Em 2019/2020, fomentada pela FAPESB tem a pesquisa; O Animal Cordial e o Rei da Vela: arte anticolonial brasileira. Ambas focadas no estudo da arte decolonial na América Latina, tendo como concentração as análises de imagens fílmicas e teatrais. É membra do Núcleo de Estudos da Crítica (NECCC) desde 2017. Participou como Júri jovem do XIV e XV Panorama Internacional Coisa de Cinema, festival de cinema muito prestigiado na cidade de Salvador. É crítica de cinema e poeta; Iniciação Científica em Literatura e Cultura. Áreas de atuação: literatura nacional, cinema brasileiro, construção da nacionalidade brasileira, teatro brasileiro, construção da memória nacional. E-mail: jacdemais@gmail.com</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este ensaio compõe o projeto <i>O Animal Cordial e o Rei da Vela: arte anticolonial brasileira</i>, financiado pela FAPESB, no ano de 2019. Nele será discutido a antropofagia através de <i>O Rei da Vela</i>, peça escrita por Oswald de Andrade em 1933, mas apenas encenada em 1967 pelo Teatro Oficina. Será recuperada as origens do conceito em Eduardo Viveiros de Castro (2002), no texto "O mármore e a murta: a inconstância da alma selvagem". Reconstituindo o conceito para a contemporaneidade, confrontando a perspectiva do reducionismo racial na obra de Oswald de Andrade que Silvano Santiago erigiu em texto de 1992, "Oswald de Andrade e o elogio da tolerância racial". Também serão feitas contribuições acerca dos valores do capitalismo e do socialismo, enfatizando a quebra de Oswald de Andrade com o socialismo exposto no ensaio <i>A crise da filosofia messiânica</i>. Intuindo, assim, a implantação de uma nova episteme teórica latinoamericana, utilizando o conceito de <i>decolonial</i>, de Walter Dignolo, para impulsionar essa união dos países da América Latina e da posição do Brasil nesse giro anticolonial.</p>	<p>This essay is part of the project <i>O Animal Cordial e o Rei da Vela: arte anticolonial brasileira</i>, funded by FAPESB in the year 2019. It will discuss anthropophagy through <i>O Rei da Vela</i>, play written by Oswald de Andrade in 1933, but only staged in 1967 by the drama group: Teatro Oficina. The origins of the concept will be recovered in Eduardo Viveiros de Castro (2002) found in the text <i>O mármore e a murta: a inconstância da alma selvagem</i>. Rebuilding the concept of anthropophagy in contemporaneity, confronting the perspective of racial reductionism in Oswald de Andrade's work, that Silvano Santiago erected in the article of 1992: <i>Oswald de Andrade e o elogio da tolerância racial</i>. Contributions will also be made about the values of capitalism and socialism, emphasizing Oswald de Andrade's break with socialism exposed in the essay <i>A crise da filosofia messiânica</i>. This essay intends the implantation of a new Latin American theoretical episteme, using Walter Dignolo's concept of the <i>decolonial</i> to propose this union of the Latin American countries and Brazil's position in this anticolonial turn.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
América Latina; Decolonial; O Rei da Vela	Latin america; Decolonial; O Rei da Vela

1A (DES)ILUMINAÇÃO NACIONAL

A colônia brasileira do século XXI já estava sendo velada no começo do século XX. Em 1937, no texto teatral *O Rei da Vela* que só fora encenado pela primeira vez em 1967 pelo Teatro Oficina- trinta anos depois de publicado - Oswald de Andrade nos apresenta um Brasil em frangalhos imerso na crise do café de 1929, momento histórico em que essa *commoditie* era a principal fonte de rendimento econômico do país. Fato que ainda é relevante para pensar o Brasil do século XXI, uma vez que ainda continuamos tendo as matérias-primas como a principal fonte da economia. O texto também expõe o começo da industrialização, entretanto, essa não foi a cabo e tudo que sobrou foram velas no lugar da possível luz elétrica.

Trago a metáfora da luz elétrica não para compactuar com um ideal iluminista racional, dicotômico, patriarcalista e eurocêntrico, o qual Oswald critica em *A crise da Filosofia Messiânica*, tese de 1950 para concurso da Cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Nesse texto, o modernista paulistano afirma a relação do patriarcado com as acumulações seja pelo socialismo ou pelo capitalismo. Apesar de o segundo ser mais problemático – principalmente por possuir bases religiosas engendradas na contrarreforma – o primeiro é criticado por na prática se tornar tão dogmático quanto as religiões. Portanto, nas duas vertentes existe a necessidade do messias:

Quem poderia sonhar que o Messianismo em que se bipartiu a religião de Cristo (Reforma e Contra-Reforma) iria medrar no terreno sáfaro das reivindicações materialistas do marxismo? Uma pequena correção no texto dos *Exercícios Espirituais* daria esta proclamação comunista: “minha vontade é conquistar os povos que estão sob domínio da burguesia. Que lutem todos como eu para que depois dos sofrimentos venham as festas da vitória.” No fundo, refulge a promessa messiânica. (ANDRADE, 1995, p. 139)

A crise da modernidade é lograda em um contexto messiânico já que a necessidade de um salvador, de um pai, de uma propriedade privada, de leis que protegem essa propriedade são vitais para dar continuidade a um sistema ao mesmo tempo em que atuam contra ele. O problema da sociedade organizada em hierarquia e não em distribuição de funções é que ela sempre caíra em uma ordem patriarcal e é nesse ponto, o da sociedade patriarcal, que Oswald de Andrade justifica que até o socialismo não foi capaz de construir uma nova ordem pois esbarrou nas mesmas contradições do capitalismo. Se tornou uma política radical que ao invés de pensar no retorno a propriedade coletiva acabou parando na fase de guerra contra a burguesia com um patriotismo exagerado que custou vidas e resvalou em censura. À exemplo da União

Soviética. Portanto, o poder de um passaria para o outro e a ordem das hierarquias continuariam. Assim, esse radicalismo jogou o socialismo em uma roda tão dogmática quanto a do capitalismo¹.

Nesse contexto logrado na tese *A crise da Filosofia Messiânica* (ANDRADE, 1950), foi dada a explicação teórica canônica² de Oswald de Andrade da sua ruptura com o socialismo, a qual já estava exposta no *Manifesto Antropófago*, sendo a *antropofagia* uma terceira via epistêmica e política para as epistemes eurocêntricas (capitalismo e socialismo). Desse modo, ele já estava praticando na década de 1950, ou melhor em 1928³, o que Walter Mignolo (2008) junto com o grupo de pesquisa *Colonialidade e Modernidade*⁴ em 1990 teorizou sobre *Desobediência Epistêmica*, o que quer dizer a criação de uma nova episteme teórica a partir dos monumentos da cultura Latino-Americana sem invisibilizar as epistemes europeias que construíram a metrópole colonial. Erigindo, desse modo o *decolonial*, o qual consiste em pensar a América Latina por latino-americanos, evidenciando conjecturas que não estão disponíveis nas teorias hegemônicas por estas não abarcarem problemáticas que só acontecem nas colônias. Entretanto, a literatura eurocêntrica é usada em conjunto para essa reflexão, afinal o objetivo não é descartar esses conhecimentos produzidos, mas aprofundar os conhecimentos teóricos dos países das margens (colonizados), abarcando suas individualidades.

Assim, é possível dizer que Oswald de Andrade estava erigindo um novo conceito latino-americano, em especial brasileiro, a *antropofagia*. A partir dos teóricos europeus e da cultura ancestral latino-americana. A *antropofagia* volta para a cultura matriarcal, transforma tabu em totem, comunga a terra, cultua uma ancestralidade do corpo, mistura os sincretismos religiosos. Sobre essa questão da ruptura com o socialismo e da formação do conceito de *antropofagia* é feliz o comentário de Benedito Nunes, em *A antropofagia ao alcance de todos*:

¹ Em sessão seguinte falarei sobre as personagens dos Abelardos como potente crítica a essa polarização: socialismo e capitalismo, analisando o quanto as duas personagens servem de alegorias atuantes e atuais para pensar a contemporaneidade.

² Ressalto, aqui, a palavra canônica porque já reconheço o *Manifesto Antropofágico* como teoria, uma vez que o contemporâneo permite o imbricamento de teoria e de literatura no texto literário. Anacronicamente, estou relendo um texto modernista a partir da ótica contemporânea e assumindo que o autor estava à frente do seu tempo, em estética e ética. Ainda sobre o tema, ver mais em “A ética e a estética do anfíbio”, artigo escrito por Evelina Hoisel, na qual a pesquisadora expõe o conceito de anfibiologia de Silvano Santiago, aqui penso nesse conceito para justificar minhas escolhas críticas na obra de Oswald de Andrade.

³ Ano de publicação do *Manifesto Antropofágico*.

⁴ Grupo composto por: Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Immanuel Wallerstein, Santiago Castro-Gómez, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfóguel, Edgardo Lander, Arthuro Escobar, Fernando Coronil, Catherine Walsh, Boaventura Santos, Zulma Palermo. Todos provenientes de países da América Latina, exceto Boaventura de Souza Santos, que é português.

A revolução caraíba, protótipo das revoluções, das transformações sociais superaria as anteriores – a Francesa, a Romântica, a Bolchevista e a Surrealista – e assumiria, num surpreendente efeito de humor oswaldiano, a paternidade de todas. No entanto, o pensamento antropofágico, confirmando a prática da deglutição intelectual por parte de Oswald de Andrade, filia-se, quanto à sua gênese, àquelas mesmas ideias que são legítimos rebentos do instinto caraíba a demarcar o percurso da revolução universal. (NUNES, 1995 apud ANDRADE, 1995)

Ao que tange esse comentário é interessante reiterar que não faria sentido a *antropofagia* se tornar o pai⁵ de todas as revoluções sociais, pois se isso fosse feito ela estaria reproduzindo os mesmos comportamentos das outras vertentes, de fato não agindo através dos contrários e da inconstância permitida pela devir antropofágico, mas assumindo uma posição estática típica das epistemes eurocêntricas. A *antropofagia* então é erigida através dos jogos de contradições, algo que estará presente nas obras de Oswald de Andrade, sem se submeter a maniqueísmos ou reducionismos.

Em *O Rei da Vela*, essa inconstância do brasileiro está explicitada nas ambiguidades das personagens, desde os Abelardos, que ao mesmo tempo são antíteses e se complementam, à Dona Heloísa de Lesbos, aqui referenciando a imagem da ilha mitológica onde só viviam mulheres, as quais mantinham relações amorosas e sexuais entre si; ao mesmo tempo a personagem é referenciada como uma herdeira de uma das “famílias fundamentais do Império” (ANDRADE, 1967, p. 64). Outra personagem que está nesse jogo de contradições é Totó Fruta do Conde que claramente é um homem homossexual, mas apoia os preconceitos, assim como exposto nesta fala: “E onde fica a educação, seu Abelardo? Onde ficam as convenções, os preconceitos sociais, as diferenças de origem e de classe... Tudo isso que torna o mundo delicioso” (ANDRADE, 1967, p.127). Essas antíteses permeiam o Brasil até os dias atuais, e como é que pessoas ditas de bem⁶ podem defender a homofobia, a transfobia, o racismo e outras práticas de violência e continuar tendo suas atitudes normalizadas? Muito do que reside aí pode ser explicado pelo processo de colonização que serve de aporte para o pensamento *antropofágico*. Porém, nesse caso, o da *antropofagia para o mal*⁷. Diferentemente daquela *antropofagia* ritual da qual falarei um pouco mais adiante.

A *antropofagia para o mal* consiste no uso das ambiguidades para fins que firam o bem-estar coletivo e individual. Abarcando os afetos ruins culminados pela humanidade,

⁵ Opto pelo uso do termo “o pai” por se referir diretamente ao patriarcado, uma vez que “a mãe” apesar de concordar no gênero da frase poderia inferir ao matriarcado, um sistema que se difere do patriarcal em diversos âmbitos socioculturais.

⁶ Aqui me refiro à direita elitista que defende os fundamentalismos religiosos e ideias reacionárias, inclusive ferindo os Direitos Humanos.

⁷ Aqui, evidentemente, não estamos jogando com os mesmos termos de Nietzsche, ao refletir sobre o bem e o mal, em sua obra *Genealogia da moral*.

exorcizando-os em atos de exploração e violência nos mais diversos âmbitos. No caso de *O Rei da vela*, a usura de Abelardo I é exemplo para esse comportamento, ao mesmo tempo em que é laçao dos estrangeiros também é explorador dos pobres, sendo a personagem uma metonímia da política nacional que entrega os bens internos aos estrangeiros ao mesmo tempo em que explora os filhos da nação. Esse uso negativo da *antropofagia* já estava no *Manifesto antropófago*, mas pouco se atenta a essa denúncia afetiva da *antropofagia* exposta no trecho:

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modus vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos. (ANDRADE, 1995, p.51)

Nesse momento do *Manifesto antropófago* é inconcebível pensar numa *antropofagia* às avessas ou em uma *antropofagia* apenas como potência positiva, contrariando o pragmatismo de refletir que Oswald de Andrade não pensou nos paradigmas raciais devido a sua classe. Aos olhos do contemporâneo essa perspectiva da compreensão da raça permeia o entendimento de classe, a interseccionalidade⁸ desconstrói o conceito separado de raça, classe e gênero, impostos pelo patriarcado representado pelas elites, construindo uma ideia de que essas perspectivas estão interrelacionadas nos sujeitos. A elite brasileira é branca e masculina. E essa elite é quem corrobora com a continuação dos processos de colonização. Elite de colonizados que desejam ser o colonizador e entregam o Brasil ao imperialismo estadunidense, esse que também está em decadência.

Essa dialética que faz parte da *antropofagia* volta ao estado ritual canibal de onde o conceito foi inspirado, sendo revista no texto de Viveiros de Castro (2002), *O mármore e murta: a inconstância da alma selvagem*, em que o antropólogo faz uma revisão da concepção de mundo dos Tupinambás e mostra as etapas do ritual do canibalismo. As análises são construídas partindo do Sermão de Padre Antônio Vieira, que dizia que os Tupinambás não conseguiam absorver a catequese jesuítica sem retornar aos costumes ancestrais (vistos como maus costumes). Diante disso, ele faz uma analogia com o mármore e a murta: o primeiro é duro e estático, o segundo, por se tratar de uma planta, mesmo depois de cortada tende a perder a forma, sendo necessária uma constante manutenção.

⁸ A ideia é tributária, no Brasil, a Karla Akotirene. Ver mais sobre o conceito em Kimberlé Crenshaw.

A concepção de Antônio Vieira, à primeira vista reducionista, estimula a pensar que esse estado de murta é a concepção ancestral da memória e identidade Tupinambá. Deglutir, incorporar, vomitar e deixar apenas a parte que cabe aos comportamentos. Incorporar o outro naquilo que faz o Tupinambá se fortalecer para o bem e para o mal fazia parte de uma cultura na qual a vingança ritual privilegiava a honra, e a compreensão de bom e de ruim não era dicotômica ou utilizada como puro elemento de revanchismo. É nesse ponto que os Tupinambá discordavam dos jesuítas:

A pregação escatológica dos padres coincidia com as ideias nativas sob alguns aspectos: imortalidade da alma, destino póstumo diferenciado conforme a qualidade da vida levada na terra, conflagração apocalíptica. Mas havia uma discordância de princípio quanto as injunções envolvidas nas concepções cristã e indígena do reto caminho. Como ouvimos na fala de Pindabuçu, guerrear e vingar-se era consubstancial ao ser de um homem. O imperativo da vingança é que sustentava a máquina social dos povos da costa. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.225)

A vingança, afeto para a manutenção da sociedade ancestral não é boa ou ruim, não deve ser lida como um juízo de valor negativo ou positivo, mas é preciso ser entendida como um fator que corroborava para a manutenção dessa sociedade ancestral e que era de extrema importância para refletir sobre a honra desses indivíduos. Matar o outro era a incorporação desse para que se tornasse o que já se era indo além, uma soma de indivíduos em devir, aliando pensamentos opostos e preservando a memória e os princípios ancestrais.

A *antropofagia*, nesse sentido, aparece como uma metáfora para a construção dessa identidade inconstante, algo que já estava lá na cultura ancestral, em que foram absorvidos ensinamentos divergentes que eram classificados como bons ou ruins e suprimidos outros ensinamentos, tanto ancestrais quanto colonizados. Portanto, a identidade brasileira seria essa potência de assumir a ancestralidade dos povos indígenas e africanos com os europeus, mas não em uma perspectiva de agregar tudo e normatizar os comportamentos, ação que se tornaria indigesta devido a quantidade de informações. Se a vingança era algo bom dentro da perspectiva ritualística dos Tupinambás e ruim na perspectiva humanística dos jesuítas, a *antropofagia* não pode ser considerada boa porque concatenou os valores diversos das tradições e nem ruim por esse mesmo motivo, mas inédita e inerente à cultura brasileira.

A identidade brasileira erigida nas bases dessa diversidade reúne a aridez do processo colonial, no qual Silviano Santiago (1992) disserta em *Oswald de Andrade ou Elogio da Tolerância Racial*. Nesse ensaio o autor fala da visão reducionista dos modernistas para com as questões raciais, concentrando-a em uma perspectiva ufanista que distorce o passado colonial. Algumas dessas ideias de Santiago estão implicadas nesse fragmento do

texto:

Existe um outro lado que cada vez mais sofre desprestígio daqueles senhores. Trata-se da forma como Oswald de Andrade e outros recuperam o que injustamente tem sido classificado de passado colonial brasileiro numa visão reducionista do que é na verdade a possível contribuição cultural das raças indígenas e africanas no diálogo com a Modernidade ocidental. Esse reducionismo acaba por valorizar uma razão moderna etnocêntrica, intolerante, incapaz de manter diálogo com o seu outro (as culturas ameríndias e africanas), pois sempre o coloca em situação hierarquicamente desfavorável e como responsável pelas piores “contaminações” que a “pureza” ocidental pode sofrer. Esse reducionismo, em geral, rechaça o saber antropológico, pois desqualifica como equívoco ufanista qualquer contribuição que possa advir daquele conhecimento, negando a ele a condição de parceiro num frutífero diálogo seu com a História. (SANTIAGO, 1992, p. 169)

Apesar de entender as perspectivas do autor e concordar sobre o perigo do reducionismo para pensar o passado colonial, não acho justo classificar esse pensamento de Oswald de Andrade como uma visão etnocêntrica ou legitimadora da mestiçagem. Não nego também que Oswald de Andrade tem muito de teoria europeia no seu repertório, entretanto, a volta ao pensamento ameríndio e negro não é de todo romantizada ou ufanista, como aponta Silviano Santiago em seu ensaio. Oswald é irônico dentro da sua própria classe. Interessante destacar que a visão do ancestral de Oswald de Andrade é uma visão que perpassa pelo menos erudito, equilibrando os valores eurocêntricos. No próprio *Manifesto da poesia Pau-Brasil* ele diz: “O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica” (ANDRADE, 1995, p.45). Esse inutilizar certamente é um exagero, mas ainda assim a intenção de contrabalancear, fazer um contrapeso, pender para um lado mais do que para o outro⁹ é válida para pensar sobre essa nova era que se anunciava, a época da “volta ao *sentido puro*” (ANDRADE, 1995, p.44), um sentido puramente antropofágico ou, ainda, a volta de um sentido da não dicotomia do pensamento, de uma cosmovisão que privilegia as diferenças aos juízos de valor.

Esse entendimento pode parecer contraditório, no entanto a própria *antropofagia* apresenta esse palimpsesto de contradições para se pensar na identidade nacional. O próprio ritual *antropofágico* não aparentaria uma incoerência para o pensamento ocidental? Como um ritual de morte, assassinato e revanchismo (apesar de não ser) poderia incorporar tanta honra e manter uma cultura ancestral? Portanto, o maniqueísmo, o dualismo e a visão dicotômica são perigosos para interpretar a *antropofagia*. Uma vez que o conceito é retirado dos rituais ameríndios e carrega enorme parte do *modus vivendi* dos índios da costa brasileira, a *antropofagia* impede o retorno ao índio romantizado, ao

⁹ Nesse caso o outro é eurocêntrico.

bom selvagem. Para entender as diferenças que Oswald de Andrade erigiu em sua obra é necessário atingir uma outra compreensão da *antropofagia*: essa não pode ser enquadrada em caixinhas, mas flutuar por entre os espaços, algo que não caberia em se reduzir a algo porque o canibalismo antropofágico é potência, o comer gente é potência, a *antropofagia* é potência sendo sustentada pela afeto da vontade de incorporar o outro a si mesmo.

Mesmo não concordando com a ideia do reducionismo racial que Silviano Santiago aponta na obra de Oswald de Andrade, concordo com a ideia da tolerância racial. A geração modernista de Oswald de Andrade de fato não fez críticas explícitas sobre o pensamento da raça, mas antes promoveu o desrecalque de certos assuntos. Não obstante, a falta de uma crítica mais explícita pode perpassar pela interpretação da obra como romantizada ou perpetuadora de uma ideia de mestiçagem, como um panorama que culmina o lado bom e ruim das raças, o que também não deve ser entendida como uma ideia explicitamente aceitável ou, a que se deve se conformar, uma vez que a própria sugestão da volta ao matriarcado, a uma outra organização social que tem seus rituais, suas hierarquias, evidenciam essa inquietude de Oswald de Andrade quanto aos impactos raciais da colonização.

Essas inquietações estão expostas em algumas passagens de *O Rei da vela*. Aqui também vale salientar que desta peça para o *Manifesto da poesia Pau-Brasil*, exemplo utilizado por Silviano Santiago em seu texto, houve um intervalo de mais de dez anos.¹⁰ Então, existe a possibilidade de, nessa intercessão de tempo, Oswald de Andrade ter refinado sua crítica ao que tange as questões raciais, mesmo que ainda explicitadas em uma obra artística e não as clarificando em opinião pública. Uma passagem que representa isso é a fala de Abelardo I quando pede para Abelardo II conservar a “casa da família”, mostrando a exploração do negro escravizado como ainda um desejo de perpetuação por parte daqueles que detém o poder:

Se salvares a fazenda das unhas militarizadas do Perdigoto, conserva a casa da família. Não reformes nada! A casa é feita para ter muitos criados, um resto de mucamas e negras velhas, lembrando o tronco! E um grande quarto frio para dois seres que se traem e se detestam dormindo na mesma cama e orando no mesmo oratório. A casa antiga, colonial, um mundo que resiste! (ANDRADE, 1967, p.149)

Nesse trecho, então, são denunciados os monumentos coloniais que permeiam o Brasil, a partir das bases raciais que o lograram. Desse modo, ainda que essa fala passe por despercebida, é possível apreender que o pensamento antropofágico de Oswald de Andrade não estava somente erigido nos conceitos de classe, mas nesse momento já perpassava pelo conceito de raça. Contudo, é plausível reiterar que o

¹⁰ O *Manifesto da poesia Pau-Brasil* foi publicado em 1924, enquanto a peça *O Rei-Vela* teve sua primeira publicação em 1937.

modernista era um homem do seu tempo e de sua classe, apesar de em muitos aspectos desviar-se dos valores de sua época e ser entendido apenas muito tempo depois, assim como expõe Zé Celso Martinez e críticos que estudam a obra de Oswald. Ele foi contemporâneo no sentido de pensar na sua época, no passado e no futuro, por isso sua obra continua atual, afinal a história da colonização brasileira não foi superada, mas reinventada a partir dos costumes atuais. Enquanto não ocorrer o giro *decolonial*, essas mudanças ficarão apenas nos papéis acadêmicos sem adentrar nos papéis sociais.

2 ABELARDOS I E II: CAPITALISMO E SOCIALISMO INCENDIANDO

Nesse trecho Na trama de *O Rei da vela*, Abelardo I poderia ser uma metonímia do capitalismo. Apesar de agiota, ele está quebrado devido à crise do café, afinal não há ninguém que possa fazer acordos com ele. Isso fica exposto logo no primeiro ato enquanto dialoga com Abelardo II depois de uma conversa com o advogado ao telefone em que esse diz que Abelardo I está respondendo pela Lei da Usura¹¹. Furioso, fala:

Súcia de desonestos. Intervir nos juros. Cercear o meu sagrado direito de emprestar à taxa que eu quiser! E que todos aceitam. Mais! Que vem implorar aqui! Sou eu que vou buscá-los para assinar papagaios? Ou são eles que todos os dias enchem a minha sala de espera? Abra a jaula! (ANDRADE, 1967, p.70)

Nesse trecho é perceptível o tratamento do dinheiro como algo sagrado, retomando a ideia da propriedade privada, do messianismo e do individualismo. Sendo assim, Abelardo I já naquele tempo atuava do mesmo modo que fazem os bancos no momento presente, cobrando altas taxas de juros por empréstimos. Mas diferentemente daquele período histórico, atualmente não há Lei da Usura. O capitalismo se intensificou e, diante dos juros leoninos, a única alternativa é renegociar com os algozes, os bancos. Portanto, é o próprio sistema que controla o sistema, cada vez mais diminuindo um poder estatal e caminhando para as privatizações bancárias¹², o que é muito perigoso para um país como o Brasil cuja distribuição de renda é bastante desigual.

Também é interessante pensar na ironia na fala de Abelardo I quando ele diz que não é ele quem procura as pessoas e sim o contrário. Algo que está enviesado em um discurso meritocrático e altamente perpetuado na atualidade, mesmo diante das desigualdades socioeconômicas que constituem a identidade nacional brasileira, sendo um juízo de valor ambíguo e injusto. Reforçado pelo Estado para que reis da vela continuem a lucrar ao mesmo tempo em que se conservam as hierarquias nacionais, não

¹¹ A Lei da Usura foi uma Lei de 1933 que vedava e punia taxas de juros superiores a taxa legal, algo que praticava Abelardo I.

¹² E de outros setores.

oportunizando os descendentes dos grupos sociais explorados a atingirem o mesmo espaço social dos privilegiados.

Esse cenário tem no reforço da construção patriarcal e na inicialização industrial o avanço do capitalismo; esses aspectos estão expostos em *A crise da filosofia messiânica*. Como dito anteriormente, ao explicar os impactos das promessas de um salvador (um messias) para a criação de um novo mundo, tendo na própria sociedade a metonímia da figura do pai, aquele que é regulador e autoritário, ele critica o capitalismo mostrando o rompimento também com o socialismo, provando que ambos são perigosos se extremistas. Esse pensamento está explicitado no trecho a seguir, que é caro para pensarmos as relações do capitalismo e socialismo em *O Rei da Vela* e no Brasil contemporâneo:

Pelas condições históricas do progresso técnico e social, o trabalhador deixou de ser o pilar das teses românticas de Marx. Mas a autocrítica desapareceu. Toda a crítica naufraga no sectarismo. O perfeito militante é o mesmo boneco farisaico do puritanismo – sócrático ou americano – que se apresentou ao mundo para edificá-lo, pedante, cretino, faccioso. E não seria mais estranho ouvirmos uma noite, pela boca universal da Rádio-Moscou, que foi proclamado o Dogma da Revolução. (ANDRADE, 1995, p.139)

Em *O Rei da Vela* Abelardo II se intitula socialista, porém corrobora com o *modus operandi* do capitalismo, se associando a esse para sobreviver. Ele obedece ao Abelardo I, ou seja, faz o que o capitalismo deseja que ele faça e é preciso que exista uma oposição para que o primeiro sobreviva, ainda que seja uma pseudo oposição, o que corrobora com a ideia de ideologia de Žižek, de que para que uma ideologia perpetue é necessário que as pessoas ajam como se não soubessem dela, apesar de saberem. Abelardo II então é um capitalista mais humanizado, ele sabe que não é socialista apesar de se intitular como tal. Algo que acaba também por permear o devir *antropofágico*. Direita e esquerda, socialismo e capitalismo, em algum momento acabam se interligando e virando um outro, o centro, a centro-esquerda, a centro-direita, se distanciando da polarização dicotômica, apesar de se basearem nela.

Nesse sentido, a autocrítica é um aspecto de tamanha evidência para a esquerda brasileira, perante a isso são estabelecidos os questionamentos: até que ponto a esquerda realmente foi esquerda? O que é a esquerda na contemporaneidade? Foi essa falta da autocrítica, essa falta de perguntas que no Brasil, diferente do caso soviético, felizmente não tendeu ao extremismo, mas à fragilidade das esquerdas. A falta de organização, a união pulsante com as ideias liberais e a economia neoliberal fragilizaram o projeto político social brasileiro, permitindo a ebulição de fundamentalistas, de um governo autoritário e antidemocrático e a perpetuação de uma mentalidade que reduziu o Brasil a

um novo medievo embebido de sangue e intolerância, com uma pitada de colonizado orgulhoso que, se pudesse, lotearia o país e leiloava aos estrangeiros.

3 O IMPERIALISMO ESTADUNIDENSE

Entregar o Brasil aos estadunidenses parece uma metáfora da divina trindade histórica profanada, como se pode ver nos anos 1930, nos anos 1960, nos anos 2000, em especial nessa segunda década marcada por fortes desejos patrióticos estampados de americanização. Esse já era um elemento exposto na época em que Andrade (1967) escreveu *O Rei da vela*, evidenciando a atualidade do seu texto. Mostrava a interferência de países estrangeiros na economia nacional através da parceria do Abelardo I com o estadunidense, Mr. Jones, a fim de conseguir investimentos para o país. Como alternativa a esse sistema colonizador, no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, Oswald propõe uma construção de uma episteme brasileira sem as pompas do eurocentrismo¹³:

A reação contra todas as indigestões de sabedoria. O melhor de nossa tradição lírica. Apenas brasileiros de nossa época. O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticas. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia. Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau- Brasil. (ANDRADE, 1995, p.45)

Oswald ainda tinha esperança no Museu Nacional, vide o trecho acima do *Manifesto da poesia Pau-Brasil*, no qual utilizava o museu como metáfora para preservação e enaltecimento da cultura nacional. Infelizmente, Oswald de Andrade não foi ouvido. Essa preservação não se procedeu no decorrer dos tempos já que não há um investimento institucional do Brasil na preservação de sua memória. Consequência disso foi o incêndio do Museu Nacional em setembro 2018 por falta de verba para a manutenção, também houve pouco ou nenhum interesse de brasileiros ricos para a reconstrução desse. Ironicamente, poucos meses depois, em abril de 2019, ocorreu a queima do telhado da Catedral de Notre Dame, em Paris. Também se trata de um patrimônio histórico, porém o mais intrigante e comprovador do complexo de colonizado que temos foi que investidores ¹⁴ brasileiros se interessaram mais pela reforma do telhado da Catedral de Notre Dame do que pela reconstrução do Museu Nacional.

¹³ Ainda que continuemos a comer dele e isso está exposto no *Manifesto Antropofágico*.

¹⁴ Segundo matéria do *O GLOBO*, de abril de 2019, o Museu Nacional só tinha recebido R\$ 1,1 milhão para a sua reconstrução ao contrário da Catedral de Notre Dame que já tinha recebido cerca de R\$ 3,76 bilhões, dentre os doares estava a brasileira Lily Safra que doou 20 milhões de euros, somando mais que 40 milhões de reais. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/doacoes-para-reconstrucao-museu-nacional-do-rio-nao-a-notre-dame-23607184>> Acesso em: 15 nov. 2019.

Esse ponto já estava em *O Rei da vela*, quando Abelardo I, declarado capitalista à beira de sua morte confessa: “Também já hipotecamos tudo ao estrangeiro, até a paisagem! Era o país mais lindo do mundo. Não tem agora uma nuvem desonerada” (ANDRADE, 1967, p.147).¹⁵

Em consonância com a história nacional, as privatizações não se limitam aos governos de direita, logo, a questão do modelo econômico e dos acordos internacionais podem beneficiar mais um país do que outro, mas os modelos continuam os mesmos. O que muda para um governo mais voltado para a esquerda do que para a direita é a distribuição desses recursos. À exemplo dos projetos sociais do governo Lula, o qual tirou o país do mapa da fome, ainda assim muito foi investido no estrangeiro, mesmo que visando um retorno para a economia nacional. Esse aspecto de denunciar a esquerda e a direita, reiterando o rompimento de Oswald de Andrade com a primeira vertente, também está exposto em *O Rei da vela*, no momento em que Abelardo II diz ser “o primeiro socialista que aparece no teatro brasileiro” (ANDRADE, 1967, p.75) mas que deseja suceder Abelardo I na mesa, esse critica o Abelardo domador de gente:¹⁶ “Pelo que vejo o socialismo nos países atrasados começa logo assim...Entrando num acordo com a propriedade” (ANDRADE, 1967, p.75), Abelardo II replica: “ De fato...Estamos em um país semicolonial” (ANDRADE, 1967, p.75).

Esses trechos dos embates entre socialismo e capitalismo voltam à questão de uma leitura inédita e vanguardista de Oswald de Andrade para com a conjuntura nacional, a qual dentro de uma perspectiva contemporânea pode ser classificada como *decolonial*, afinal a própria personagem denuncia que o Brasil é um país semicolonial, ou seja, um país que ainda resiste nos escombros coloniais, necessitando do capital estrangeiro para manter a economia estável e o poder na mão dos mesmos homens brancos, elitizados. Apesar de o texto ser de 1937, se presentifica com tamanha atualidade na contemporaneidade. Algo que em 1967 estava sendo explicitado por José Celso Martinez quando da encenação de *O Rei da Vela* pelo Teatro Oficina. Ele diz sobre o texto:

O humor grotesco, o sentido da paródia, o uso de formas feitas, de teatro, de literatura na literatura, faz do texto uma colagem do Brasil de 30. Que permanece uma colagem do Brasil de 30 anos depois, pois acresce a denúncia da permanência e da velhice destes mesmos e eternos personagens. (OFICINA, 1967 apud ANDRADE, 1967)

¹⁵ Impossível não associar essa fala da personagem, a qual atribui uma crítica às privatizações, ao destino do pré-sal brasileiro, patrimônio que, se explorado pela indústria nacional, geraria não só lucros imediatos, mas investimentos a longo prazo em setores básicos, como saúde e educação públicas e de qualidade. Algo que, com as privatizações, não será mais possível.

¹⁶ Abelardo II utiliza um chicote e prende pessoas na grade como castigo e punição por deverem a Abelardo I, atitude completamente contraditória para quem se diz a favor dos direitos humanitários.

A fala de Zé Celso contempla também o contemporâneo, o Brasil de 1930 é o Brasil de 1967 e o Brasil de 2019, como diria Gregório de Mattos ao dar adeus à Bahia no seu poema *Embarcado já o poeta para seu degredo, e postos os olhos na sua ingrata pátria lhe canta desde o mar*, 1600 é também o aqui e agora, a “Canalha infernal”, ainda somos manipulados pela mesma classe dominante de políticos desonestos e que admitem a sua usura. A mesma classe que joga o Brasil na vala da ignorância e nem as velas conseguem se manter acesas em meio às chamas dos valores antropofágicos. Nem a *antropofagia* nua e crua, com toda a sua potência, com todas as suas vicissitudes e deleites consegue manter o Brasil intacto, porque talvez, a própria *antropofagia*, retrato de uma identidade nacional não é vista como potência para mudar a América, mas cabe aos brasileiros, apesar dos dias de barragens estourando¹⁷ e de florestas queimando¹⁸ fazer dela um novo modo de vida, aproveitar as divergências para organizar levantes e dar a quem o que lhes é de direito: a terra aos povos indígenas, a promoção de saberes aos pobres, a escola pública de qualidade, a boa saúde, os direitos básicos de uma terra que sofreu com a corrupção e com a *antropofagia* afeto negativo. Necessitando fazer da *antropofagia* um afeto positivo, um afeto de potência de vida e não de potência de morte.

4 A VELA, A VALA: A VELHA COLÔNIA LATINO-AMERICANA

No final de *O Rei da Vela*, Abelardo I se suicida simbolicamente após ser pego na Lei da Usura, em seguida é roubado por Abelardo II. Assume que, apesar do seu fim, o seu fetiche é pela nota e só por ela faria tudo novamente, seria corrupto e sádico, tão sádico quanto Abelardo II. Nesse último ato aparece o corifeu que no teatro representa o povo, entra em cena um povo latino-americano que evidência as consequências que os Abelardos, com seus fetiches pelo dinheiro, trazem para a América Latina:

A Amé-ri-ca- é um ble-fe!!! Nós todos mudamos de continente para enriquecer. Só encontramos aqui escravidão e trabalho! Sob as garras do imperialismo! Hoje morremos de miséria e vergonha! Somos os recrutados da pobreza! Milhões de falidos transatlânticos! Para as nossas famílias, educadas na ilusão da A-mé-rica, só há a escolher a cadeia ou a *rendez-vous*! Há o sui-cí-dio também! O sui-cí-dio... (ANDRADE, 1967, p.156)

A esperança de Oswald foi suicidada pelas elites quando as chamas das velas da ignorância queimaram o Museu Nacional, arruinando-o como a biblioteca de Alexandria. A nossa vela cava uma vala ainda mais profunda do que quando Oswald escreveu a peça.

¹⁷ Aqui me refiro aos crimes ambientais de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), proporcionados pela empresa privatizada Vale do Rio Doce.

¹⁸ Me refiro à queimada da floresta amazônica em 2019, proporcionadas pelos grileiros exploradores de terras.

O casamento com os estadunidenses já deu por adultério¹⁹ certo e nada se resolverá se continuarmos insistindo nesse relacionamento abusivo. “A bandeira americana é uma homenagem. Indica almirante a bordo! O americano nosso hóspede.” (ANDRADE, 1967, p.99).

Expor a bandeira estadunidense nesse contexto é praticar a *antropofagia para o mal*, afinal se apresenta aí um contexto de total apagamento da cultura nacional. É diferente de evidenciar as duas bandeiras em conjunto, como uma aliança, ou parceria. Nesse caso, a bandeira estadunidense prevalece como suprema. Esse cenário se distancia do ser *antropofágico*, o qual captura a ideia do não abandono da sua cultura pela do outro, mas do agregar fatores da outra. Portanto, é possível que se exponha a bandeira nacional, mesmo com as marcas do imperialismo estadunidense e dos países do Norte. Enunciar a bandeira nacional com as marcas históricas não é saldar a bandeira do outro apagando a minha, mas saldar a minha com as marcas do outro, sendo crítico quanto a essas manchas históricas. Retratando a baixa antropofagia – interna e externa.

Por que persistir em homenagear os nossos algozes? Achamos que reverenciar aqueles (os colonos) que se colocam em uma posição superior à nossa (colonizados) nos levará a uma igualdade ou que ganharemos regalias com isso, o que é uma falácia.²⁰ No máximo, conseguiremos uma equidade, caso o pensamento *decolonial* torne-se hegemônico. Apesar disso, o ponto principal aqui não é o de cortar relações com os E.U.A ou com os países que se colocaram ao centro do mundo no século XX²¹. É o de não deixar que esse capital industrial, bélico, intelectual e econômico, sobreponha os interesses locais dos países à margem (sendo o Brasil um deles). Afinal, a globalização é um fenômeno incontestável no século XXI, rompendo as fronteiras culturais e econômicas, ao mesmo tempo em que mantém ativa a fronteira entre os mundos nos quais só transita aquele que tem poder aquisitivo. Portanto, seria impossível desvencilhar-se do imperialismo estadunidense, do domínio europeu e do novo expansionismo chinês. Uma vez que o mundo global é um mundo *antropofágico*.

¹⁹ Aqui faço uma referência à peça. Abelardo II casa-se com dona Heloisa de Lesbos, entretanto, quem tirará a virgindade dela é o americano se estiver interessado, assim como exposto no terceiro ato de *O Rei da Vela* na resposta de Abelardo I quando Abelardo II pergunta se o americano teria o direito de pernada: “Sim, o direito a primeira noite, é a tradição! É a tradição! Não se afobe pequeno burguês! Não se esqueça que estamos num país semicolonial. Que depende do capital estrangeiro.”(ANDRADE, 1967, p.148)

²⁰ Concordado com as ideias de Frantz Fanon em *Os condenados da terra* (1968 [1961]), em especial sobre a burguesia nacional que tenta agradar a burguesia Ocidental. Quando ele afirma que a burguesia nacional assumirá o papel de gerente das empresas do Ocidente, quer dizer que não será o presidente da empresa. Ver trecho: “Porque não tem ideias, porque está encerrada em si mesma, separada do povo, minada por sua capacidade congênita para pensar no conjunto dos problemas em função da totalidade da nação, a burguesia nacional assumirá o papel de gerente das empresas do Ocidente e praticamente converterá seu país em lupanar da Europa.” (FANON, 1968, p.128)

²¹ Ver mais em *A era dos extremos* (1994), de Eric Hobsbawn.



Podemos sair desse poço fundo e é através da transformação desse mal em totem que conseguiremos ter coragem. A *antropofagia* e os nossos ancestrais nos ensinam a coragem e a honra de um povo que não abandona seu grupo, de povos em devir. A partir desse giro vital é que poderemos criar uma outra história antropofágica, uma pós-história colonial, fazendo desse momento um rito de passagem para uma nova episteme latino-americana. Precisamos nos unir com os países da América Latina para seguir, precisamos compartilhar a nossa história e trocar soluções. Reunidos venceremos, por meio da *antropofagia* epistêmica de um outro devir contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. A crise da filosofia messiânica. In____.: **A utopia antropofágica** (Obras Completas de Oswald de Andrade). São Paulo: Globo, 1995. ed. 2. p. 101-155.

ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. In____.: **A utopia antropofágica** (Obras Completas de Oswald de Andrade). São Paulo: Globo, 1995. ed. 2. p. 47- 52.

ANDRADE, Oswald. Manifesto da poesia Pau-Brasil. In____.: **A utopia antropofágica** (Obras Completas de Oswald de Andrade). São Paulo: Globo, 1995. ed. 2. p. 41-45.

ANDRADE, Oswald. **O rei da vela**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O Mármore e a murta: a inconstância da alma selvagem. In____.: **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 183-264.

MIGNOLO, Walter. **A opção descolonial e o significado de identidade em política**. Rio de Janeiro: Caderno de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, Língua e Identidade. 2008 n. 34. Tradução de: Ângela Lopes Norte. p. 287- 324.

NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. In____.: **A utopia antropofágica** (Obras Completas de Oswald de Andrade). São Paulo: Globo, 1995. ed. 2. p. 5-39.

SANTIAGO, Silviano. Oswald de Andrade ou Elogio da Tolerância racial. **Revista crítica de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, jun. 1992. n. 35, p.165-176. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=489>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

Título em inglês:

**O REI DA VELA: CONTEMPORARY ANTHROPHOLOGICAL
LIGHT: A DECOLONIAL SCENE OF THE OSWALD DE
ANDRADE THEATER PLAY**